

# Onde estão as ilustrações?

## O processo de criação na relação texto e imagem

Íliada Damasceno Pereira

Resumo: O presente artigo realiza uma reflexão a respeito do processo criativo de uma ilustração para o clássico da literatura Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll. Para tanto, apresenta uma descrição histórica do livro e a biográfica do autor, bem como realiza uma discussão teórica a respeito da pesquisa em arte, a qual culmina em uma produção artística, e sobre as relações existentes entre criação, intuição e razão. Objetiva-se, deste modo, fundamentar que a ilustração para uma história não é uma simples descrição visual do texto, mas pode partir de uma tradução ou interpretação do/a artista/ilustrador/a que representa, imagetivamente, significações, simbologias ou mesmo contextualizações da narrativa.

Palavras-chave: Alice no País das Maravilhas; ilustração; processo criativo; intuição; interpretação.

---

Íliada Damasceno Pereira é graduada em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pelo Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestra em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG).

## Donde están las ilustraciones?

### El proceso de creación en la relación texto e imagen

Resumen: El presente artículo realiza una reflexión acerca del proceso creativo de una ilustración para el clásico de la literatura Alicia en el País de las Maravillas de Lewis Carroll. Para ello, presenta una descripción histórica del libro y la biográfica del autor, aun realiza una discusión teórica acerca de la investigación en arte, la cual culmina en una producción artística, y sobre las relaciones existentes entre creación, intuición y razón. Se pretende fundamentar que la ilustración no es una simple descripción visual del texto, sino que puede partir de una traducción o interpretación del artista/ilustrador/a que representa imágenes, significados, simbologías o incluso contextualizaciones de la narrativa.

Palabras claves: Alicia en el País de las Maravillas; ilustración; proceso creativo; intuición; interpretación.

## I. A ilustração – conceitos e técnicas

**A** arte de ilustrar textos acompanha o homem ao longo da história. Ainda na Idade Média, por exemplo, eram produzidas iluminuras que se constituíam em trechos da Bíblia ilustrados, geralmente, por monges em monastérios. A invenção dos tipos móveis no século XV promoveu uma reprodução em maior escala da palavra escrita em consonância com a ilustração, sendo que, desde esse período podem ser encontrados os mais diversos tipos de impressos que trazem o texto em diálogo com a imagem (MORAES, 2008).

De acordo com Cunha (2017), a ilustração pode ser considerada um ramo de atuação do artista visual que analisa, no momento da

criação, a relação existente entre o texto e a imagem. Para a autora, o(a) ilustrador(a), para conceber sua ilustração, pode utilizar as mais diversas técnicas de criação visual com o objetivo de dialogar, de maneira criativa, palavra e imagem, de tal modo que podem ser empregadas técnicas de xilogravura, litogravura, grafite, lápis de cor, tintas como aquarela ou acrílica, bem como programas de computador, entre outros.

Em uma produção editorial de literatura infantojuvenil, por exemplo, texto e imagem são portadores de significados. De acordo com Cunha (2017), o texto possui um discurso linear efetivado por meio da palavra escrita. A imagem, no entanto, acaba por ser visualizada de forma simultânea, ou seja, os elementos visuais presentes em sua composição são observados pelo(a) espectador(a) de maneira conjunta e sincrônica.

Ribeiro (2008) afirma que a ilustração possui um referencial diferenciado da palavra escrita, porém, assim como o texto, ela é capaz de provocar sensações e despertar sentidos, porquanto, contém significados, sendo considerada um signo visual. Para o autor: “Desse modo, a ilustração como signo deve ser entendida também como um documento histórico que envolve diversas configurações visuais (como cor, traço, composição etc.), técnicas utilizadas em cada época e o emprego de elementos icônicos” (RIBEIRO, 2008, p. 126).

O(a) ilustrador(a), ao transpor os significados existentes na palavra escrita para a linguagem visual, pode ser considerado(a) um(a) tradutor(a). A ilustração, deste modo, apesar de ser uma tradução do texto, constitui-se em uma criação imagética, distanciando-se da ideia de simples imitação (RIBEIRO, 2008).

Tendo em vista a ilustração poder ser considerada uma nova criação que se origina a partir do texto, o presente artigo propõe a concepção de uma ilustração a partir da obra da literatura infantojuvenil *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll. Tal narrativa suscita questionamentos e significações visuais referentes ao seu conteúdo, tendo sido, inclusive, ilustrada por inúmeros artistas, como Salvador Dalí (1904-1989), Yayoi Kusama (1929) e Luiz Zerbini (1959). Além disso, a obra é considerada um clássico da literatura mundial, sendo apreciada tanto por jovens quanto por adultos.

A criação visual faz parte do imaginário humano e, em diálogo com o texto, corrobora para a concepção de questionamentos e construções que interseccionam a relação texto e imagem. Assim, objetiva-se analisar o processo criativo de uma ilustração para compreender como ocorrem os diálogos e as conexões existentes entre o texto e a imagem no processo de criação.

## 2. Razão e intuição no percurso criativo

A pesquisa em arte pode ser definida como uma investigação voltada para o âmbito da criação, ou seja, possui como resultado final de percurso investigativo uma produção artística. Zamboni (1998) destaca o seguinte aspecto: “Vou empregar o termo *Pesquisa em Artes* para designar exclusivamente as pesquisas relacionadas à criação artística, que se desenvolvem visando como resultante final a produção de uma obra de arte, e que são empreendidas, *ipso facto*, por um artista” (ZAMBONI, 1998, p.7).

Zamboni (1998) afirma igualmente o seguinte no que diz respeito à intuição e à razão:

No entanto, como em qualquer atividade humana, pesquisa enquanto processo não é somente fruto do racional; o que é racional é a consciência do desejo, a vontade e a predisposição para tal, não o processo da pesquisa em si que intercala o racional e o intuitivo na busca comum de solucionar algo. Esses conceitos servem tanto para a ciência quanto para a arte, pois pesquisa é a vontade e a consciência de se encontrar soluções para qualquer área do conhecimento humano (ZAMBONI, 1998, p.43).

Para o autor, além de a pesquisa em arte objetivar a produção de uma obra artística, o processo de realização de uma investigação intercala razão e intuição, porquanto, é determinado pela busca de soluções através de caminhos traçados pela observação e percepção sensível do investigador, capaz de encontrar percursos adequados a seus objetivos.

De tal modo que, quando se analisa a pesquisa em artes e observa o processo de criação de uma obra, as conexões existentes entre razão e intuição tornam-se proeminentes, pois a produção artística implica em uma série de acontecimentos e escolhas não entrelaçadas somente ao racional, mas permeadas de alinhamentos e incongruências orientadas pelos desejos e intelecto criativo do/a artista.

Ostrower (1987) discute a relação intuição, sensibilidade e razão em seu livro *Criatividade e Processos de Criação*, destacando que todas as camadas de vivência humanas possuem e constituem-se a partir de atos criativos. Entretanto, a autora, apesar de reconhecer

ser o processo de criação inerente à condição humana, realiza reflexões mais atreladas ao âmbito das artes visuais quando enfatiza ser a obra de arte o projeto final de um percurso que intercala a sensibilidade do/a artista e sua racionalidade, coerente com o contexto cultural no qual está inserido/a.

A partir deste ponto de vista, quando se pensa em criação nas artes visuais, pode-se afirmar que razão e intuição dialogam, sendo a subjetividade em diálogo com o contexto cultural e com as experiências pessoais do/da artista que irão delinear o processo criativo. Além disso, o percurso de produção intuitivo, sensível e relacional começa a tornar-se consciente e concreto no momento em que se configura a forma.

Sendo uma pesquisa em artes, esta investigação parte do pressuposto de que intuição e razão dialogam para a concretização de ideias. O processo criativo e seus caminhos metodológicos, assim, não poderão ser definidos como algo linear, pois estão caracterizados por contornos e realinhamentos, determinados pela coleta de imagens, informações, além da pesquisa de artistas e materiais, necessários à concepção da obra.

### 3. O processo de criação

Para iniciar a criação da ilustração, realizei a leitura completa de Alice no País das Maravilhas e investiguei a respeito das características da obra e biografia do autor. A proposta era conhecer a história de maneira integrada para, assim, produzir um trabalho visual con-

cebido a partir de trechos do livro, porém, com significados capazes de interpretar as ideias centrais presentes na narrativa.

Para Hunt (2010), toda ilustração constitui-se em uma interpretação, mesmo aquelas que de algum modo trazem representações visuais primadas pela literalidade da palavra. De acordo com o autor, existem ilustrações constituídas de mensagens básicas, geralmente, utilizadas em livros ilustrados simplesmente para fins comerciais. No entanto, também podem ser idealizadas imagens capazes de ir além do sentido restrito da palavra, com ressonâncias visuais permeadas de significações que podem complementar, reforçar ou mesmo contradizer a ideia central do texto.

Hunt (2010) destaca ser complicado expor uma série de proposições que definam o que é um bom livro-ilustrado. Porém, o autor apresenta conceitos relativos à boa forma capazes de principiar uma compreensão sobre a qualidade visual de um livro com imagens. Relata, por exemplo, princípios da gestalt, como figura-fundo, proximidade e continuidade, do mesmo modo conceitos de composição, ou seja, simetria, equilíbrio e simplicidade, como teorias a serem observadas para a criação de um bom livro-ilustrado.

Este projeto não pretende realizar a produção de um livro com imagens, com projeções relativas à diagramação, à organização visual de páginas e ao layout, no entanto, é interessante observar a perspectiva de Hunt (2010) no que diz respeito à maneira como compreende a ilustração enquanto uma interpretação e em como relaciona suas ideias a conceitos do âmbito das artes. O autor, igualmente, destaca ser o livro-ilustrado infantil o início de uma possibilidade de contato da criança com as artes visuais.

A primeira edição de Alice no País das Maravilhas foi publicada em junho de 1865, período vitoriano inglês, pela Editora Macmillan. Lewis Carroll, o autor do livro, é pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, que nasceu na Inglaterra em 27 de janeiro de 1832 e faleceu em 14 de janeiro de 1898. Carroll formou-se, em 1854, pela Universidade de Christ Church na Cidade de Oxford, mesmo local onde ministrou a disciplina de matemática, matéria tão presente em sua vida (DUARTE, 2013).

Alice no País das Maravilhas transformou-se em um clássico da literatura que, mesmo após 150 anos, continua sendo apreciado, publicado, adaptado e ilustrado por artistas de todo o mundo, os quais criam imagens capazes de representar, visualmente, as significações e simbologias existentes no texto. Talvez o fato de o livro ser considerado um precursor de um tipo de literatura voltada para jovens, com conteúdos não necessariamente educativos ou moralizantes, tenha significativa importância como argumento para seu sucesso e reconhecimento mundial.

Alice no País das Maravilhas conta a história de uma menina que, ao perseguir um coelho de colete e com um relógio, cai em uma toca e experiencia as maiores aventuras, conhecendo personagens diversos, como o Chapeleiro Maluco e a Lebre de Março, em lugares inesperados. Alice vivencia acontecimentos incomuns e insólitos, como nadar em uma lagoa de suas próprias lágrimas, além de ser convidada a participar de um chá maluco e de um jogo de *croquet* com o Rei e a Rainha de Copas.

Alice é uma garota que apresenta comportamento dúbio, pois intercala a presença marcante de uma criança que busca, constante-



mente, lembrar a todos a existência de regras de etiqueta, sendo isto claro quando se analisa trechos do capítulo Um chá maluco, pois a personagem repreende a Lebre de Março por oferecer um vinho que não existia sobre a mesa.

Ao mesmo tempo, a personagem expõe um comportamento repleto de atitudes não convencionais para uma jovem do período vitoriano inglês, como o fato de ter seguido um coelho através de uma toca por baixo da árvore sem a autorização e a presença de adultos, ou sua constante capacidade de fazer questionamentos a outros personagens da história e, em muitas ocasiões, ser considerada inconveniente por este motivo.

O livro Alice no País das Maravilhas revela acontecimentos ligados ao imaginário de uma personagem criativa, curiosa e em busca de aventuras. São inúmeros episódios que se iniciam com a entrada pela toca do coelho, perpassam os conselhos de uma lagarta e a história de uma tartaruga falsa, além de uma quadrilha de lagostas. Com isto, Lewis Carroll entrelaça ficção e realidade para criar um mundo imaginário cheio de fantasia.

Para a criação da ilustração deste artigo, como destacado anteriormente, a narrativa foi analisada de maneira unificada e um fator existente no enredo foi de fundamental importância no momento da concepção do trabalho visual, o fato de a personagem aumentar e diminuir de tamanho constantemente e envolver-se em problemas por este motivo. Alice, em determinados trechos do livro, questiona sua própria identidade por não conseguir estar em um só tamanho, o seu tamanho original.

Assim, o trecho abaixo destaca o ponto inicial de concepção do trabalho visual:

Mas era tarde para se arrepender! Alice continuou crescendo e crescendo, e logo teve de se ajoelhar no chão. No minuto seguinte, nem para isso havia espaço, e ela tentou se deitar com um cotovelo apoiado na porta e o outro braço envolvendo a cabeça. Continuou crescendo e, como último recurso, colocou um braço para fora da janela, e enfiou um pé pela chaminé acima. Disse para si:

\_\_\_ Agora não há mais nada a fazer, o que quer que aconteça. Que será de mim? (CARROLL, 2019, p. 39).

Alice questiona seu tamanho e as mudanças às quais enfrenta. Ao mesmo tempo, tais alterações na forma da personagem norteiam alguns dos principais acontecimentos do enredo, conferindo significados e interpretações. No trecho acima, por exemplo, a personagem está na casa do Coelho Branco quando começa a crescer demasiadamente e fica imóvel, sem saber o que fazer.

Foram as alterações da forma e do tamanho da personagem principal, as implicações que estes acontecimentos trouxeram para a narrativa e a maneira como Alice realiza questionamentos ao crescer e diminuir que induziram à criação da ilustração a qual será descrita abaixo. A personagem está, constantemente, tendo que se adequar ao excesso de espaço ou à falta dele, bem como ao fato de buscar encontrar-se a cada momento, enquanto persegue o seu tamanho original. Abaixo, o primeiro rascunho da ilustração e os materiais utilizados.

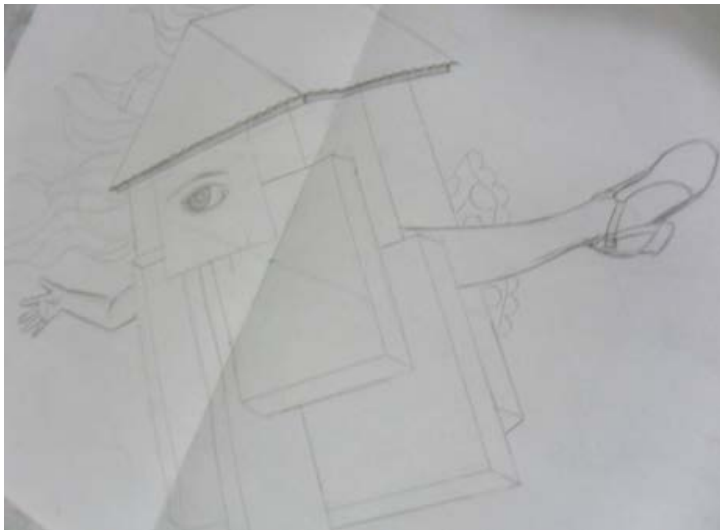


Figura 1 e Figura 2

O rascunho foi imaginado a partir de fragmentos de cenários presentes na narrativa, como se a personagem, Alice, estivesse em vários ambientes ao mesmo tempo e igualmente não pudesse estar inserida em nenhum deles ou não pertencesse a nenhum.

Para a criação da ilustração, foram utilizados grafite, lápis de cor, pastel seco, colagem, papéis coloridos, além de papel canson creme, de 200g/m<sup>2</sup> e tamanho 42cm x 29,7cm, como suporte. Estes materiais e técnicas são típicas do âmbito da ilustração infantojuvenil e dialogam com a proposta do trabalho, visto que um dos objetivos da concepção visual é a não perda da propriedade de ser uma ilustração.

De acordo com Ostrower (1987), a linguagem falada é apenas uma das várias maneiras de comunicação utilizada, porquanto, são as ordenações realizadas pelo homem que constituem a relação existente entre o mundo subjetivo, interno e sensível do ser humano e o seu exterior. A forma, assim, pode ser analisada como o modo pelo qual esta comunicação é elaborada, sendo a linguagem visual uma das possibilidades de configuração dos conteúdos os quais serão expressos.

É através da ordenação e escolha de elementos pictóricos, de propriedades da linguagem visual e técnicas de criação, bem como de estilos e estratégias de comunicação visual, como fragmentação e sobreposição, que a forma configura-se em comunicação simbólica visível.

Nesta perspectiva, a ilustração imaginada para a narrativa Alice no País das Maravilhas foi criada a partir da utilização de técnica mista, com a presença de texturas concebidas com lápis de cor e pastel seco, bem como sobreposições e fragmentações configuradas por recortes e colagens de pedaços de papéis coloridos, com superfícies contendo desenhos de paredes, portas e janelas, para conceber um diálogo e um intercâmbio de significados entre a compreensão do enredo e sua representação visual. Abaixo, algumas imagens do processo de criação da ilustração e o resultado final.



Figura 3 e Figura 4



Figura 5

## 4. Considerações finais

As reflexões históricas e teóricas contidas neste texto sobre ilustração, assim como as discussões realizadas a respeito da pesquisa em arte e das relações existentes entre razão, intuição, sensibilidade, configuração, forma e materialidade no processo de criação foram de fundamental importância para as ponderações a respeito do percurso criativo norteador da ilustração concebida para a narrativa *Alice no País das Maravilhas*. Ilustração que, neste artigo, foi imaginada não de maneira fragmentada, mas como uma imagem capaz de dialogar, de forma integrada, com o texto e com a interpretação realizada do mesmo.

Assim, fica claro que a ilustração não necessariamente precisa ser compreendida como uma simples representação visual da história, pelo contrário, ela pode se constituir em uma tradução ou interpretação imagética do enredo, que vai além de sua compreensão literal, gerando significados e representações capazes de empreender uma somatória de conteúdos, ou seja, texto e imagem dialogam e interagem para a construção da narrativa.

## Referências

CARROLL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. São Paulo: Giz Editorial, 2017.

CUNHA, Amanda S. Torres. *Caminhos em poéticas visuais bidimensionais*. Curitiba: InterSaber, 2017.

DUARTE, Katarina Q. “*Alice por artes de Narizinho*”: *Alice no País das Maravilhas, de Monteiro Lobato*. 2013. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Coimbra, Coimbra.

GALILEU. *Alice no País das Maravilhas ainda é um mistério: Obra de Lewis Carroll será um enigma para sempre?* <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2015/07/alice-no-pais-das-maravilhas-vai-completar-150-anos-e-ainda-nao-entendemos-todos-seus-misterios.html>> Acesso em 09 de junho de 2018.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008, p. 49-59.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RIBEIRO, Marcelo. A relação entre o texto e a imagem. In: OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008, p. 123-139.

SUPER INTERESSANTE. *Primeira edição de Alice no País das Maravilhas foi jogada no lixo: Uma relíquia desta edição será leiloadada por 3 milhões de dólares*. <<https://super.abril.com.br/cultura/primeira-edicao-de-alice-no-pais-das-maravilhas-foi-jogada-no-lixo/>> Acesso em 09 de junho de 2018.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. Campinas: Autores Associados, 1998.